

LÍNGUA PORTUGUESA PARA OS SURDOS: REPENSANDO AS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA

Marina de Oliveira Silva¹

RESUMO

Dada a complexidade da Língua Portuguesa para os surdos por configurar-se como uma segunda língua (L2), a pesquisa visa, principalmente refletir o ensino de Português no que diz respeito as práticas de leitura e escrita, de modo que facilite a aquisição dessa segunda língua e que o sujeito surdo tenha acesso a aprendizagem de forma plena e eficaz. O trabalho foi desenvolvido com base na pesquisa qualitativa de abordagem bibliográfica e a coleta de dados se deu por meio da consulta do material bibliográfico sobre o tema de interesse. A realização das pesquisas bibliográficas alicerçadas nos dizeres de autores como: ALBANO (2009), SILVA (2019), PEREIRA (2014), LIMA (2014), LEBEDEFF (2010) entre outros, permitiu-se uma leitura reflexiva, e a partir da mesma uma observação e análise do conteúdo para fins de nossos objetivos aqui propostos. De acordo com os estudos desenvolvidos pelos autores supracitados e, por conseguinte da análise dos dados coletados na atual pesquisa, pôde-se certificar que o ensino da Língua Portuguesa para os surdos ainda precisa ser refletido, principalmente, no que concerne a adequação dos métodos usados nas práticas de leitura e escrita. Nessa perspectiva, após a revisão de Literatura a respeito do Letramento visual pode-se apresentar novas propostas para o ensino do português como L2 e para as práticas de leitura e escrita dos surdos, para assim garantir a eficácia da aprendizagem desses.

Palavras-chave: Leitura e escrita, Português (L2), Letramento visual, Método visual, Surdos.

INTRODUÇÃO

O campo dos estudos surdos vem ganhando pesquisas significativas ao longo dos anos, tais pesquisas são voltadas principalmente para o âmbito escolar, a fim de garantir o direito à aprendizagem dos alunos surdos. Pois, é sabido que por um longo tempo os métodos de ensino adotados pelos educadores não contemplavam tanto os alunos surdos, assim negando a esses estudantes o direito supracitado e acesso ao conhecimento, tendo em vista que o que ainda se perpetua em algumas escolas é a oralidade, de acordo com Silva (2019, p. 16):

[...] as práticas de ensino, em algumas escolas, ainda são direcionadas apenas para os estudantes ouvintes, pois, a aula é toda ministrada em língua portuguesa, o que não

¹ Especialista pelo curso de Língua Brasileira de Sinais-Libras do programa de Pós-Graduação (PÓS-FIP) da Universidade Faculdades Integradas de Patos-UNIFIP - PB; Especialista pelo curso de Ensino de Língua e Literaturas na Educação Básica- UEPB/PRPGP; e Graduada em Licenciatura Plena pelo curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) - PB, ma97marina@outlook.com

contempla totalmente os estudantes surdos. Ademais, tais alunos contam com a tradução do intérprete que é uma grande conquista, mas que não garante a eliminação total de barreiras impostas por tais práticas.

Além da presença/tradução do intérprete na sala de aula, a Língua de Sinais deve ser contemplada por elementos visuais, a saber: a imagem, o desenho, o filme, entre outros, pois assim haverá também a interação entre professor/aluno e não só entre intérprete/aluno, e ainda mais, o professor poderá perceber as dificuldades do surdo e quais assuntos requerem mais adaptação, assim diminuindo a complexidade do Português escrito para esses discentes.

É necessário que a língua materna seja priorizada e contemplada ainda mais no ensino de uma segunda língua, ou seja, em relação ao aluno surdo, a Língua de Sinais deve ser usada como base para ensinar a língua de seu país, no caso dos surdos brasileiros essa língua é a Língua Portuguesa na modalidade escrita. Pereira (2014, p. 3) explica:

A aprovação do Decreto Federal nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que estabeleceu, entre outros assuntos, a obrigatoriedade das escolas possibilitarem aos alunos surdos uma educação bilíngue, na qual a Língua Brasileira de Sinais é a primeira língua e a Língua Portuguesa é a segunda, trouxe a língua de sinais para a educação depois de quase cem anos de proibição.

A Língua de Sinais, considerada uma língua visual-espacial, tem eliminado muitas barreiras impostas pela oralidade, por ser a língua natural da comunidade surda, possibilitando que o compartilhamento do conhecimento aconteça, e o surdo se sinta capaz de aprender igual a qual quer outro aluno. Assim, o surdo vem conquistando seu lugar na sala de aula e em espaços sociais, mas ainda há muito o que se conquistar nesses âmbitos, principalmente no escolar.

Entendemos que a surdez é uma necessidade visual, por isso discutiremos adiante a importância de se refletir a respeito das práticas de leitura e escrita da Língua Portuguesa voltadas para o discente surdo, dada a sua complexidade por se tratar de uma segunda língua para tais estudantes.

Dessa forma, reforçamos a ideia de que se faz necessário refletirmos acerca de como vem se dando as práticas de leitura e escrita da língua portuguesa para os surdos (como segunda língua na modalidade escrita), atentando para os meios visuais que mais favorecem a Libras, um ponto chave que tem nos inquietado há algum tempo. (SILVA, 2019, p. 12)

Assim, trataremos como nossa questão problema a indagação a seguir: Como amenizar a complexidade do Português (L2), no que diz respeito as práticas de leitura e escrita para os surdos? com a hipótese de que é provável que a inserção dos artefatos visuais nas práticas de leitura e escrita dos alunos surdos afetem positivamente no processo de aprendizagem dos mesmos.

Desse modo, trataremos como objetivo geral:

Refletir acerca das práticas de leitura e escrita do Português como segunda língua para os surdos.

E como objetivos específicos:

- Discutir a respeito da necessidade de contemplar os artefatos visuais nas práticas de leitura e escrita da Língua Portuguesa como segunda língua;
- Apresentar, de acordo com o Letramento visual, os benefícios dos recursos visuais para o ensino do Português (escrito) dos alunos surdos.

METODOLOGIA

Os processos metodológicos da atual pesquisa foram desenvolvidos com base na pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico. Segundo Neto (2001, p. 20):

[...] podemos dizer que a pesquisa bibliográfica coloca frente a frente os desejos do pesquisador e os autores envolvidos em seu horizonte de interesse. Esse esforço em discutir idéias e pressupostos tem como lugar privilegiado de levantamento as bibliotecas, os centros especializados e arquivos. Nesse caso, trata-se de um confronto de natureza teórica que não ocorre diretamente entre pesquisador e atores sociais que estão vivenciando uma realidade peculiar dentro de um contexto histórico-social.

Dessa maneira, a pesquisa não se deu em um ambiente específico, mas sim, consiste em uma revisão, análise e reflexão de literatura da temática de interesse abordada em nossa pesquisa.

Para Silva (2015, p. 84), “Trata-se do levantamento da bibliografia já publicada sobre o assunto de interesse, em forma de livros, revistas, periódicos, publicações avulsas, veiculados na internet ou por meio da imprensa escrita”. Assim, esse tipo de pesquisa nos deu subsídios para refletirmos acerca da problemática proposta aqui.

“Dessa forma, a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”. (LAKATOS, MARCONI, 2003, p. 182). Nesta direção, temos como base um olhar reflexivo voltado para os materiais, que nos permitem analisar as práticas de leitura e escrita do Português (L2) para os surdos, atentando para o processo de letramento e os meios visuais utilizados como métodos.

O presente estudo está organizado do seguinte modo: após a seção introdutória, teremos a seção do Referencial teórico, onde discutiremos a respeito do ensino de Português L2 para os surdos e abordaremos as práticas de leitura e escrita e letramento visual, na sequência teremos nossos Resultados e discussões, e por fim, teremos as Considerações finais da presente pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

O aprendizado para o surdo, como para qual quer outra pessoa, é imprescindível, pois é a partir disso que o mesmo irá interagir com os familiares, os amigos e com a sociedade em geral, a partir do conhecimento escolar e “conhecimento de mundo” ele saberá tomar decisões, dar opinião e até se posicionar perante algo com mais segurança e autonomia.

Mas, o conhecimento (seja ele escolar ou social) do surdo só poderá ser adquirido pela sua língua materna, ou seja, a Língua de Sinais. De acordo com Pereira (2014, p. 8) “Por serem filhos de pais ouvintes, a maioria dos alunos chega à escola sem a língua de sinais e com apenas fragmentos da Língua Portuguesa”. E o fato de não adquirirem nem a sua língua natural, a Libras (se tratando dos surdos brasileiros), antes de irem para à escola, afeta negativamente na comunicação, e conseqüentemente sua aprendizagem será comprometida.

Essa é umas das causas de o aluno surdo encontrar muitas barreiras ao aprender o Português, pois ao contrário do aluno ouvinte, que chega à escola sabendo palavras e algumas frases, e que o professor pode utilizar esse pequeno aprendizado como base para desenvolver a escrita, alguns surdos, assim afirma Pereira (2014, p. 2): “[...] chegam à escola com, no máximo, fragmentos da Língua Portuguesa, cabia ao professor conduzir os alunos no aprendizado dessa língua”.

Outra causa é a de algumas escolas ainda ofertarem todas as aulas em Língua Portuguesa (na modalidade oral), assim contemplam mais os alunos ouvintes que os surdos, que por não terem a vantagem da audição e nem adaptação de conteúdos necessária (na maioria das vezes), ocasiona atraso no seu desenvolvimento, levando o surdo a pensar que é incapaz de aprender ou inferior aos demais. Segundo Lima (2014, p. 6):

Quando se trata de ensinar o português para surdos brasileiros, essa língua é encarada como segunda língua, uma vez que estes possuem, em sua maioria, uma língua com a qual se comunicam na comunidade surda que é a LIBRAS, constituindo-se em sua primeira língua.

A Língua Portuguesa por ser considerada uma segunda língua para os surdos, traz toda uma dificuldade, principalmente na aquisição da sua escrita, por isso é preciso refletir a respeito da aprendizagem desses alunos. Nesta direção, Gesueli e Moura (2006, p. 3), salientam:

Temos levantado a importância da imagem e do visual no processo de construção do conhecimento de alunos surdos. Já é tempo de educadores envolvidos no processo de escolarização de surdos refletirem sobre o tema no que é referente à apropriação de conhecimento.

Por isso é importante que os educadores contemplem a Libras e o visual de alguma forma para o ensino da Língua Portuguesa de estudantes surdos. Nesse contexto, Nantes (2010, p. 77) afirma: “o aprendizado da língua portuguesa deve fazer sentido para o aluno surdo,

fazendo-o conhecer as práticas sociais de leitura e escrita. E essas práticas de letramento devem ser mediadas pela sua língua natural, a Libras [...]”.

Dessa forma, os professores precisam tomar o visual como aliado para as práticas de leitura e escrita do Português (escrito), a imagem por exemplo, favorece a Libras, assim facilitando tanto o trabalho dos educadores quanto o aprendizado dos alunos surdos.

Assim, os artefatos visuais são aspectos fundamentais para constituir as práticas de leitura e escrita da Língua Portuguesa como segunda língua para os discentes surdos, tendo em vista que esses artefatos devem contemplar a Libras e assim trará uma familiaridade com a língua materna do surdo, ao mesmo tempo amenizará a complexidade dessa segunda língua.

Por tanto, diante do que já vem sendo exposto na presente pesquisa, o acesso a linguagem no geral e, principalmente a língua materna, deve ser priorizado, bem como as práticas de leitura e escrita e os métodos usados no processo de letramento da língua, algo que ainda precisa ser repensado e que discutiremos a diante como objetivo no presente estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como já vem sendo discutido nesse presente estudo, o método oral-auditivo que é utilizado pelos educadores para o ensino de Português como L2, isto é, como segunda língua para os surdos, traz consequências desastrosas na sua educação escolar. Albano explica (2009, np²) que:

A imposição do português, utilizando-se o método oral – auditivo, ainda acontece muito e impede que o letramento bilíngüe e as práticas pedagógicas visuais sejam plenamente aplicadas aos surdos, atrasando significativamente o êxito do projeto. O surdo não quer usar aparelhos auditivos e tornar-se semelhante ao ouvinte; ele quer a sua identidade, sua língua, seus direitos reconhecidos.

Apesar desses impasses, vem surgindo pesquisas valiosas que trazem métodos mais eficazes para a educação desses alunos, pesquisas que enfatizam o visual como base para desenvolver as práticas de leitura e escrita da Língua Portuguesa e como importante fator para os êxitos escolares dos surdos. Isso porque “as pessoas surdas são visuais: elas aprendem com as imagens e a leitura se torna menos difícil [...] (ALBANO, 2009, np³).

Ao longo desse trabalho temos refletido a respeito da necessidade de inserção do visual nas práticas de leitura e escrita do aluno surdo. Artefatos visuais como imagens, figuras,

² Artigo não paginado, conferir em: <https://www.webartigos.com/artigos/letramento-para-surdos-um-novo-olhar-sobre-as-praticas-pedagogicas/20088/>

³ Artigo não paginado, conferir em: <https://www.webartigos.com/artigos/letramento-para-surdos-um-novo-olhar-sobre-as-praticas-pedagogicas/20088/>

desenhos, entre outros, contemplam o visual, valorizando assim, a língua materna dos surdos, a Língua de Sinais.

Esse trabalho tem por base o Letramento visual, que “[...] pode ser entendido como a área de estudo que lida com o que pode ser visto e como se pode interpretar o que é visto. [...]” (OLIVEIRA, 2006, apud LEBEDEFF, 2010, p. 179). A partir dessa área pôde-se fazer constatações semelhantes à do parágrafo anterior e a discussão levantada no presente estudo.

Ainda seguindo o pensamento de Albano (2009) e Silva (2019), o letramento visual surgiu para intensificar a aprendizagem da pessoa surda, e as práticas de leitura e escrita a partir do mesmo podem proporcionar aos surdos uma acessibilidade ao aprendizado que antes era negado através do método oral-auditivo, assim, desfazendo algumas barreiras que esse método criou, dando a possibilidade de construir o conhecimento ao priorizar a Libras.

“A imagem tem um papel importante no processo educacional, mas é ainda muito pouco reconhecido pelos educadores” (GESUELI e MOURA, 2006, p.3). Logo, é preciso discutir a respeito da inserção da imagem e do visual no processo de letramento da Língua Portuguesa como L2 de alunos surdos, de modo que venha a amenizar a complexidade da aquisição dessa língua. Silva (2019, p. 20), salienta:

O Letramento visual como área de estudo trará também propostas de ensino mais eficientes para os sujeitos surdos, em que a Libras deverá ser tomada como língua central, e deve ser-lhe agregada valor por meio de recursos visuais, pois a união dos mesmos possibilitará ao surdo mais acesso ao conhecimento, com isso tornando-o letrado através de sua língua materna e de recursos que favoreçam a mesma.

Nesta direção, é de grande relevância que se crie meios que facilitem a aquisição da escrita do Português. As aulas de interpretação de texto podem ser acompanhadas por imagens de acordo com o conteúdo abordado, essa é uma das principais estratégias que contribuirá para o desenvolvimento do surdo e facilitará o trabalho do professor, neste caso há benefício para ambas as partes.

Pensando dessa forma, é de grande valia que se promovam práticas de leitura e escrita para os surdos, mas nada adiantará ou fará sentido algum para esse aluno se essas práticas não tiverem nenhuma mediação visual, seja por meio da Libras, seja por meio da imagem. (SILVA, 2019, p. 15)

Além de criar práticas visuais para o surdo, o professor deve estar certo de que as mesmas são eficazes e irão suprir as demandas sociais que somos expostos diariamente.

Atentando para o aprendizado da pessoa surda, há uma necessidade de proporcionar práticas de acordo com sua vivência e baseadas na experiência visual, pois o ensino do Português L2 precisa fazer sentido para o aluno, e a partir do que ele já aprendeu, juntos

construirão o significado/conhecimento. Por isso a importância de usar a Libras e os artefatos visuais como base na educação dos surdos.

Nesse sentido, a leitura acompanhada de artefatos visuais e a interpretação de imagens são estratégias que ajudarão o surdo na compreensão do texto trabalhado por seu professor. Tais estratégias inserem-se no que entendemos por Letramento visual. (SILVA, 2019, p. 20)

O processo de letramento não atinge apenas a vida escolar do surdo, mas também a social e a familiar, pois a partir dele se dará a comunicação e interação dos mesmos nesses âmbitos, contemplar a Libras e os artefatos visuais são essenciais para que esse processo ocorra de forma plena e eficaz.

Como já citado algumas vezes no presente estudo, a escrita da Língua Portuguesa é um tanto complexa para os surdos, que ao se depararem com o texto escrito farão uma interpretação vaga, isso devido a estrutura linguística do Português, por ser uma língua oral-auditiva, diferir totalmente da Língua de Sinais, que é uma língua visual-espacial, e os mesmos ainda não terem fluência nesta segunda língua.

Mas se houver junto a esse texto uma ilustração referente ao conteúdo abordado, a pessoa surda terá uma adaptação que supra sua necessidade escolar, essa estratégia visual fará com que ele consiga fazer uma interpretação de texto mais eficaz. Para Lebedeff:

[...] A leitura de imagens e as estratégias visuais de leitura e interpretação de textos devem ser incentivadas nas escolas e utilizadas não apenas como ferramentas de apoio e, sim, devem ocupar espaço central na organização do ensino [...] (LEBEDEFF, 2010, p. 193)

O fato de o professor contemplar o visual no estudo de texto, uma imagem como vimos anteriormente, transmite ao surdo familiaridade com Língua de Sinais, as aulas se tornarão mais descontraídas devido as práticas de leitura e escrita estarem sendo devolvidas com estratégias visuais. Além do mais ele sentirá que o ambiente educacional se preocupa com melhor método para a construção do seu conhecimento, o que traz uma certa segurança, e o processo de letramento da segunda língua se torna menos complexo.

Os alunos se interessarão muito mais pelas interpretações de textos se o docente tiver fluência em LIBRAS, assim, o grau de dificuldade diminuirá e o professor poderá interagir de forma mais satisfatória com os alunos. Agindo dessa forma, o professor poderá questionar elementos que se encontram no texto, debater e criar hipóteses, até que obtenha a resposta desejada, que significará absorção do conteúdo. Outro ponto significativo é que o texto deve estar intimamente ligado com o cotidiano do aluno, ou seja, que possa lhe ser útil. (ALBANO, 2009, np⁴)

⁴ Artigo não paginado, conferir em: <https://www.webartigos.com/artigos/letramento-para-surdos-um-novo-olhar-sobre-as-praticas-pedagogicas/20088/>

Vale ressaltar que os docentes devem se preocupar também em aprender a Libras e estudar a cultura surda para entender e valorizar o visual em suas aulas, pois muitos dos professores só sabem alguma saudação, (por exemplo: Bom dia!, tudo bem?) da Língua de Sinais e não tendo fluência suficiente para se comunicar com os alunos (e para isso o intérprete faz a ponte de comunicação), acarreta em distanciamento entre eles, os textos acompanhados visualmente trará mais proximidade entre professor e surdo.

Albano (2009) discute a necessidade de o docente, quando não tendo fluência em Língua de Sinais, utilizar outros meios que beneficiem o letramento visual, assim trazendo conteúdos traduzidos em Libras através de vídeos ou vídeos com legenda (referentes ao conteúdo abordado), imagens, figuras, gravuras, desenhos, etc. pois ao utilizar meios que contemplem a cultura surda, isso fará mais sentido para o estudante surdo. Não esquecendo também o teatro surdo e as histórias narradas em Libras que fazem parte da literatura surda e também são muito importantes nesse processo. Tudo isso facilitará e contribuirá para a aprendizagem dos surdos. (SILVA, 2019, p. 21)

Segundo as propostas do letramento visual para tornar as práticas de leitura e escrita da Língua Portuguesa L2 eficazes para a pessoa surda, é aconselhado aos educadores que utilizem ferramentas visuais como: dicionário visual, gêneros textuais como charge, tirinha entre outros que contemplem o visual, produções textuais por meio de ilustrações e vídeos legendados, entre outros recursos.

Nós ouvintes aprendemos o português a partir do alfabeto, as letras, as sílabas e por fim a palavra inteira, ou seja, aprendemos ouvindo e reproduzindo os sons, depois memorizamos e aprendemos a escrever, esse processo para nós não é tão complexo, tendo em vista que já usamos a língua na modalidade oral e apesar de ainda não termos a fluência na leitura e escrita, mas já sabemos muitos dos significados atribuídos as palavras.

Já para o surdo será totalmente ao contrário, ele ainda não usa a língua e muito menos conhece os sons da mesma, por consequência também não saberá os significados das palavras. Para ensinar a língua escrita ao surdo, o correto é começar com a palavra toda, e mesmo assim haverá um pouco de dificuldade, agora se usarmos um Dicionário visual, essa adaptação fará com que ele compreenda melhor o conteúdo da nova língua, e a aula será mais produtiva. Dessa forma estará trabalhando a imagem como construção de significado, além de suprir a necessidade educacional do surdo. Ainda seguindo o pensamento de Silva (2019, p. 17), destacamos:

Pensando no sistema alfabético, neste caso, a palavra desconhecida será vaga de significado para o surdo. Como já citado, a construção do significado do português se dará através dos sentidos já construídos na língua de sinais, bem como frisou a autora, os surdos ao verem a palavra escrita procurarão em seu dicionário mental as imagens que, possivelmente, corresponda a esta palavra, isto acontecendo ele ligará a palavra a imagem e a imagem ao sentido como se fosse uma cronologia, assim a palavra ficará salva em sua mente e terá sentido sempre que interligada a imagem.

No dicionário visual é preciso que haja signo (sinal), significado (sentido e denotação) e a palavra escrita, ao memorizar essa sequência, quando o aluno ler visualmente uma palavra a ligará ao sinal e, por conseguinte, ao seu significado. Vejamos agora um exemplo de dicionário visual:

SIGNO	SIGNIFICADO		PALAVRA
	SENTIDO	DENOTAÇÃO	
	Alimento em barra ou pó que advém da especiaria cacau	 Chocolate	Chocolate
	Objeto cortante de aço e madeira	 <i>Faca</i>	Faca

Atividade apresentada na especialização em Libras na disciplina de Semântica no contexto da Libras. Set/2019

SIGNO	SIGNIFICADO		PALAVRA
	SENTIDO	DENOTAÇÃO	
	Imposição de regras; ordens que devem ser cumpridas.		Lei
	Substância de origem vegetal, disposta em folha seca e fina para se escrever.		Papel

Atividade apresentada na especialização em Libras na disciplina de Semântica no contexto da Libras. Set/2019

Se tratando dos Gêneros textuais, principalmente visuais como a tirinha e a charge, por exemplo, são de grande relevância na interpretação de textos e no processo de letramento do Português L2, Silva (2019, p. 34), salienta:

Isto porque são meios que se inserem no método visual, os gêneros charge e tirinha por exemplo, apresentam tanto o texto escrito quanto o texto visual por meio dos desenhos, assim o surdo pode ler e ainda consultar visualmente o texto, a expressão dos personagens, os movimentos, o cenário, entre outros aspectos. Essa perspectiva está de acordo com o letramento visual.

As produções visuais precisam ser estimuladas para que a escrita do surdo possa ser desenvolvida e ele obtenha proficiência na mesma. A respeito desse processo Silva (2019, p. 40) explica:

Por isso seria interessante que o professor estimulasse essa escrita, utilizando um método adequado, é claro. Por exemplo, através de um vídeo ou imagem o aluno surdo fará sua leitura visual, e a partir da mesma irá escrever o que entendeu, como uma releitura do que viu, nas primeiras vezes ele continuará fazendo a sequência na estrutura da Libras, e o professor deve ajudá-lo a colocar essa produção na estrutura da língua portuguesa, com a prática esse aluno irá conhecer melhor a estrutura das duas línguas sabendo diferenciá-las e usá-las, assim também lhe ajudará na leitura e compreensão de textos, e as práticas de leitura e escrita serão favoráveis aos surdos.

No mais, é de suma importância refletir o Português L2 para os surdos no que se refere as aplicações das práticas de leitura e escrita, ou seja, repensar os métodos utilizados para o processo de letramento dessa segunda língua, como salienta Silva (2019, p. 21):

Dessa forma, devemos pensar também nos meios que serão utilizados para auxiliar o processo de ensino do Português como L2, a fim de que resultem em aprendizado para eles, pois é de grande relevância que o docente contemple a leitura como forma de treinamento, o contato direto do surdo com a escrita do português e a interpretação de texto, porém com o auxílio de um elemento facilitador e não dificultoso.

Por tanto, deve se pensar em estratégias pedagógicas mais eficazes que aproximem o surdo das suas experiências visuais e, por conseguinte da aprendizagem, práticas de leitura e escrita voltadas diretamente para os mesmos, isto é, pensadas para atingirem também a comunidade surda e não só desenvolvidas para os ouvintes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa pesquisa, discorreu-se a respeito do ensino de Português (escrito) para os surdos no que se refere as práticas de leitura e escrita, e conseqüentemente acerca do processo de letramento desses alunos. Levantou-se a discussão em relação a reflexão desse processo, pensando que o método a ser usado é o visual e por isso esse deve ser contemplado mais pelos docentes, tendo em vista que assim beneficiará o surdo com uma aprendizagem mais satisfatória.

Sabe-se que o método oral-auditivo adotado por alguns profissionais em suas aulas não dá o retorno devido quando se trata do letramento de alunos surdos. No entanto, entende-se que houve conquistas significativas na área da surdez, a saber: o intérprete, mas além disso é preciso favorecer o visual e a Libras de outras formas para que haja mais proximidade entre professor e aluno e juntos construam e compartilhem o conhecimento.

Abordou-se também que a interação com surdos e ouvintes através da Libras é fundamental no desenvolvimento do surdo e que o visual não deve ser contemplado apenas na escola, mas também em lugares públicos-sociais.

Por tanto, pretende-se com o presente estudo despertar novos interesses em pesquisar sobre a área, e conseqüentemente, novas pesquisas sejam realizadas, que não só a sociedade escolar, mas a sociedade como um todo reflitam as necessidades educacionais e sociais do surdo, assim conscientizando-se e buscando melhorias para a educação e interação social da comunidade surda.

REFERÊNCIAS

ALBANO, Alexandra Maria dos Santos. **Letramento para surdos? Um novo olhar sobre as práticas pedagógicas.** 2009. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/letramento-para-surdos-um-novo-olhar-sobre-as-praticas-pedagogicas/20088/>>. Acesso em: 10 fev. 2023.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica.** 5 ed. São Paulo, EDITORA ATLAS S.A. – 2003.

GESUELI, Zilda Maria; MOURA, Lia de. Letramento e surdez: a visualização das palavras. © ETD – **Educação Temática Digital**, Campinas, v.7, n.2, p.110-122, jun. 2006 – ISSN: 1676-2592. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/315916491_Letramento_e_surdez_a_visualizacao_das_palavras>. Acesso em: 09 fev. 2023.

LEBEDEFF, Tatiana Bolívar. Aprendendo a ler “com outros olhos”: relatos de oficinas de letramento visual com professores surdos. **Cadernos de Educação** | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas [36]: p. 175 - 195, maio/agosto 2010.

LIMA, Marisa Dias. **Adequação do ensino do português como L2 nas crianças surdas: um desafio a superar/enfrentar.** 2014. Disponível em: <<https://unb.revistaintercambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/416/744.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2023.

NANTES, Janete de Melo. **A Linguística e a língua brasileira de sinais I** – São Paulo: Know Now, 2010. p. 70-79.

NETO, Otávio Cruz. **O trabalho de campo como descoberta e criação-Otávio Cruz Neto.** Cap. III, p. 19-31. 2001. IN: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.



PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. O ensino de português como segunda língua para surdos: princípios teóricos e metodológicos. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Editora UFPR. Edição Especial n. 2/2014, p. 143-157.

SILVA, Airton Marques da. **Metodologia da pesquisa**. 2015.

SILVA, Marina de Oliveira. **Letramento visual: um olhar sobre as novas práticas de leitura e escrita da língua portuguesa para os surdos**. 2019. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2019.